

# O Agrupamento 208 do CNE - Ferreiros - Braga

ANTÓNIO CERQUEIRA  
E CARLOS ALBERTO PEREIRA  
(DIRIGENTES DO CNE)

“Jornal de Notícias”, na sua edição do dia 4.out.1943, sob o título, a duas colunas, “em Braga Vida escutista”, abre assim uma notícia: «Ontem, uma centena de rapazes do C.N.E. acampou em Ferreiros, na encosta de um pequeno monte, estabelecendo ali as suas barracas...».

Por sua vez, no dia 5, o “Diário de Minho”, sob o título “O C.N.E. em Ferreiros” e subtítulo “A Inauguração da Patrulha Pedro Álvares Cabral”, noticia: «Decorreu com grande brilhantismo a inauguração da Patrulha Pedro Álvares Cabral, de Ferreiros, nos passados dias 2 e 3 do corrente (...). No domingo, dia 3, pelas 10 horas, todas as

Unidades acampadas (...) assistiram á cerimónia dos novos Seniores (Caminheiros, na terminologia de hoje) que, como já temos noticiado, ficam agregados ao Clam (hoje, Clã) de Seniores Nuno Álvares de Braga». Este ato solene marca a fundação do escutismo em Ferreiros.

A Iniciativa partiu do Pároco de Ferreiros, o saudoso Padre Francisco Marques, que, no dia 3 de maio de 1943, reuniu sete jovens: Júlio Ferreira de Lima, Gaspar Gomes Rodrigues, António Fernandes Ferreira Gomes, Joaquim Ferreira Barbosa, António Marques, Maximiano Lopes da Silva e António Gomes Barbosa, que constituíram a Patrulha Pedro Álvares Cabral, sendo preparados, na formação escutista, pelo Chefe António dos Santos



Palha, sob a custódia do Clã nº 1, da Sé e que, no dia 3 de outubro desse ano, fizeram a Promes-

sa escutista. No dia 6 de agosto de 1944, o Arcebispo Primaz, o Senhor Dom António

Bento Martins Júnior, e Assistente Nacional do Escutismo Católico Português, desloca-se a Ferreiros para apadrinhar a inauguração do Grupo nº 104 - Dom Manuel Vieira de Matos. Esta filiação foi confirmada na Ordem de Serviço Nacional (OSN) nº 94, publicada na “Flor de Lis”, de 1 de setembro de 1944, que nomeou a primeira direção: assistente - Padre Francisco Marques, chefe - António Ferreira de Lima e secretário - António Gomes Barbosa. A segunda Unidade a ser criada foi a Alcateia nº 45, sendo as primeiras Promessas de Lobitos feitas em 1946. Com a alteração estatutária estas duas Unidades formaram o Agrupamento nº 208, OSN nº 243, de 1965, a que se juntaram a Secção de Pioneiros nº 32, OSN nº 472, de

1997 e o Clã, OS Regional nº 4, de 2008.

A ligação entre o primeiro chefe de Grupo e último chefe de Agrupamento tornou-se efetiva graças àquele que ainda hoje consideramos “o Chefe de Agrupamento”, o Chefe António (o jovem António Fernandes Ferreira Gomes que fizera a sua promessa de caminheiro no dia 3.out.1943) porque, com a sua simplicidade, dedicação e empatia, a todos cativou ao longo da sua vida, de tal forma que ainda é um exemplo de vida. Mas hoje, olhando para trás, vemos uma imensa plêiade de crianças e jovens que se tornaram verdadeiros cidadãos solidariamente empenhados na criação de um mundo melhor, à luz do Evangelho, eles constituem o verdadeiro tesouro educativo do Agrupamento.

## Gafanha da Nazaré, AcaNac 1978 – primeiro campo escuta de educação ambiental

ANTÓNIO JOSÉ OSÓRIO  
(DIRIGENTE DO CNE)

Numa época do ano em que leaders nacionais e internacionais difundem importantes mensagens, fiquei especialmente atento à insistência de António Guterres, na sua qualidade de Secretário Geral da ONU, relativamente à ameaça incontornável do aquecimento global da Terra.

Devo explicar que a minha preocupação com a proteção da natureza (terminologia antes utilizada para designar as temáticas ambientalistas e para promover a educação ambiental), surgiu no escutismo, em que me integrei há cinquenta anos, em 1968/69, como Lobi-

to. Já como Explorador (num tempo em que o CNE ainda não tinha Pioneiros), fiz muitos ‘raides’ (a que depois passamos a chamar ‘hikes’ e mais tarde ‘caminhadas’ e outras coisas), alguns dos quais no Gerês. Aí surgiu o meu fascínio pelo único parque nacional em Portugal (cheguei mesmo a sonhar vir a ser o seu diretor!) e uma compreensão pela relevância da existência de áreas protegidas, além da consciência de que há aprendizagens específicas indispensáveis para se poder saber o quê, quando e como fazer, para intervir e conseguir, efetivamente, ajudar a deixar o mundo um pouco melhor (e não pior) do que o encontramos, tal como nos sugeriu Baden-Powell (B-

P), em meados do século XX. Essa consciência acentuou-se com a minha participação, em pleno PREC, durante o verão quente do ano seguinte ao da revolução de abril de 1974), no Nordjamb’75 (o XIV Jamboree Mundial), realizado na Noruega sob o lema “Cinco dedos, Uma mão” e organizado colaborativamente (como agora se diria) pelos 5 países nórdicos, muito conhecidos pela sua democracia nórdica e pela sua sensibilidade face à temática ambiental.

O livro de B-P “Escutismo para Rapazes”, o Parque Nacional da Peneda-Gerês, o Jamboree em Lillehammer e um caderno de fichas editado pelo WWF (Fundo Mundial para a Natureza) com a colaboração da WOSM (Organização Mundial do Movimento Escutista) emprestado pelo Dr. Manuel Faria (então Diretor do Campo Escola Nacional de Fraião e Chefe Regional de Braga), permitiram-me, ainda Caminheiro num Agrupamento de Braga e quase duas décadas depois da



minha primeira Promessa, responder a um desafio do Núcleo de Braga do CNE: conceber, organizar e coordenar uma atividade de sensibilização para a proteção da natureza (há quem lhe chame o primeiro Campo de Educação Ambiental) no Campo João Afonso de Aveiro, para os Exploradores Juniores, no XV Acampamento Nacional, realizado em 1978, na Gafanha da Nazaré, em Ílhavo, Aveiro. Coisas hoje vulgares, à época meio estranhas, foram experimentadas, além do conhecimento do ‘velhinho’ 3R (reduzir, reutilizar, reciclar): experiências para economizar e dar valor à água; proteger seres vivos (vegetais e animais) em perigo; aprender como cuidar da

qualidade do ar e a limitar emissões tóxicas para a atmosfera; experimentar o potencial da energia solar. Os rapazes e raparigas que então participaram no AcaNac estão hoje na casa dos cinquenta anos e talvez já se não se lembrem, mas podem ter ficado alerta para a fragilidade da Terra, especialmente quando a tratamos mal. Essa lembrança, na ocasião das comemorações dos 60 anos do Núcleo de Braga do CNE, pode ser determinante ainda hoje. Havendo quem hesite em acreditar no perigo real e iminente, é indispensável um novo 3R aplicado às aprendizagens da sua adolescência: que as formas de salvar a Terra se Relembrem, se Renovem e se Repliquem.